

A PONTE NOS RELATOS IMAGINÁRIOS DE VISÕES DO ALÉM: O CASO DA *VISÃO DE TÚNDALO*

Solange Pereira Oliveira
Doutorado PPGH/*Scriptorium*-UFF-CAPES
solstar22@hotmail.com

Recebido em: 27/11/2018
Aprovado em: 10/03/2019

Resumo :

Neste artigo se analisa o imaginário da ponte no espaço do Inferno e Purgatório no Além na versão portuguesa do manuscrito *Visão de Túndalo* (códice 244), exemplo de narrativa de Visões do Além Medieval. No manuscrito, a ponte é um dos lugares do pós-morte cristão que está presente tanto no Inferno quanto no Purgatório. Nos dois espaços é um elemento topográfico que apresenta diferentes características e funcionalidades morais acerca do julgamento das almas pecadoras.

Palavras-chave: Ponte. *Visão de Túndalo*. Inferno e Purgatório.

Abstract :

This article analyzes the imagery of the bridge in the space of Hell and Purgatory in the Beyond in the Portuguese version of the manuscript *Vision of Tnugdál* (codex 244), an example of a narrative of Visions of the Medieval Beyond. In the manuscript, the bridge is one of the places of Christian postmortem that is present in both Hell and Purgatory. In both spaces is a topographical element that presents different characteristics and moral functionalities about the judgment of sinful souls.

Keywords : Bridge. *Vision of Tnugdál*. Hell and Purgatory.

INTRODUÇÃO

O tema sobre a ponte é recorrente no contexto das narrativas de viagens imaginárias medievais ao Além. É um dos lugares que compõem a topografia do imaginário do mundo dos mortos cristãos constituída por uma sucessão de regiões onde as almas sofrem várias provações e punições em consequências de seus pecados.

É preciso lembrar que esse elemento escatológico já se fazia presente no imaginário do Além de outras civilizações religiosas. O cristianismo voltou a utilizar a temática sobre a ponte com as devidas adaptações dos seus preceitos morais cristãs.

Deste modo, a ponte no mundo dos mortos está situada em uma ampla tradição que se remete aos tempos antigos, orientais e outras influências que foram apropriadas e ressignificadas pela Igreja medieval para os seus ensinamentos sobre os deméritos das almas no mundo dos mortos.

Nos relatos persas (Zendavesta) a ponte conhecida como *Kinvad* é um elemento de passagem para as almas justas chegarem ao céu. Geralmente ela tem como guardião um cachorro. Mas, também é uma passagem que se torna estreita por onde as almas injustas devem passar e se precipitam no Inferno. Para além dessa característica, ela se apresenta na forma de uma folha cortante, às vezes comparada a um fio de uma navalha.

No romance do ciclo arturiano, é um elemento de prova perigosa para o personagem Lancelote que precisa atravessá-la para chegar à região onde Ginevra está aprisionada. O seu acesso só é permitido através da passagem por duas pontes que são bastante perigosas: uma que se encontra suspensa sob a água furiosa e a outra que tem o aspecto de uma espada (KAPPLER, 1994, p. 137-138; CULIANU, 1979, p. 304-305).

Já na mitologia Germânica, a ponte tem a função de separar os dois mundos, isto é, o Aqui e o Além. No mundo subterrâneo, no reino do Hel, corre um rio cuja característica é apavorante onde sobre ele está uma ponte. Para além desta existe outra, cujo guardião é *Heimdallr*, que serve de passagem para se chegar ao céu denominada ponte *Bifrost*, esta separa o mundo dos deuses (PATCH, 1983, p. 69).

Na literatura latina das narrativas de Visões do Além cristão, a ponte é sempre associada ao julgamento das almas. É o elemento que impõem diversos obstáculos e atua como um símbolo moral que representa a dificuldade que as almas terão no caminho para Céu ou o Inferno.

Como exemplo, na *Visão de Alberico*, há uma ponte de ferro que se encontra suspensa sobre um rio de fogo saindo do Inferno. Ela se encolhe, na largura de um fio, quando passam as almas dos pecadores que se precipitam naquele rio e, se alarga, quando chega a hora das almas justas que passam tranquilamente e de forma rápida (LE GOFF, 2005, p. 24). Na *Visão de Thurkill* se encontra uma ponte feita de estacas e pregos afiados que serve de passagem para alcançar o Monte da Alegria, que representa o Paraíso, morada definitiva dos eleitos (CAROZZI, 1994, p. 624).

A proposta desse texto se delimita ao estudo do tema da ponte no mundo dos mortos em um exemplo de Visões do Além, a versão portuguesa do manuscrito *Visão de Túndalo*, códice 244, que se encontra em Lisboa na Biblioteca Nacional de Portugal na coleção alcobacense 211.

Essa obra é uma tradução da narrativa escrita em 1149, por um monge irlandês chamado Marcus, do qual não se tem muitas informações a não ser pelo próprio prólogo

do antigo texto latino que consta alguma referência sobre o mesmo que se apresenta como um membro do clero, constatada na expressão: “*frater Marcus*” (WAGNER, 1882, p.3).

Utilizamos como referência nesse texto a edição moderna da tradução portuguesa feita pelo Frei Zacharias de Payopelle, monge cisterciense do Real Mosteiro de Alcobaça, cuja datação é do fim do século XIV ao início do século XV. Esta foi publicada pelo editor F.M.Esteves Pereira na Revista Lusitânia (vol.3) (VT, 1895, p.101).

O texto do manuscrito descreve o itinerário da viagem da alma do cavaleiro Túndalo guiado por um anjo que lhe mostra “todas as penas do Inferno e do Purgatório e todos os bens e glórias que há no Paraíso para emendar-se de seus pecados e de suas maldades” (VT, 1895, p.101). Os motivos que levaram o personagem a realizar essa viagem durante três dias se deve a sua condição terrena de pecador, pois não cuidava da sua alma, não cumpria os seus deveres cristãos e tinha pouca devoção.

Para redimir-se de seus pecados, Deus permitiu que sua alma fosse elevada, involuntariamente, ao Além para conhecer e experimentar em seus sentidos (tato, odor, visão, audição) os sofrimentos dos danados e as benesses dos virtuosos para a sua transformação espiritual. Após a viagem, a alma do cavaleiro reencontra o seu corpo e torna-se um modelo de bom cristão ao assimilar a aprendizagem do itinerário no Além.

A proposta do texto é analisar o imaginário da ponte no Além que se encontra no espaço do Inferno e Purgatório na versão portuguesa da *Visão de Túndalo*. Abordaremos, portanto, as especificidades da presença desse elemento topográfico nesses dois lugares de grande importância para a pedagogia cristã sobre os caminhos e os castigos que as almas pecadoras são submetidas no mundo dos mortos. E destacaremos, também, as suas características simbólicas que representam os estágios dos caminhos das almas que conhecem os seus destinos de acordo com a natureza de seus pecados.

A PONTE NO ESPAÇO DO INFERNO E PURGATÓRIO NA *VISÃO DE TÚNDALO*

A ponte é um dos elementos topográficos que compõem as diferentes regiões que formam a estrutura do Inferno e do Purgatório na *Visão de Túndalo*. Ambos os espaços se encontram divididos em diversos recintos onde as almas são penalizadas pelos seus atos comportamentais praticados aqui embaixo.

Desta maneira, no manuscrito o Inferno é o lugar de punições das almas com pecados mortais. Enquanto o Purgatório funciona como ambiente de provações das almas em situações pecaminosas, isto é, que cometeram pecados veniais, mas se arrependeram sem cumprir as suas sentenças expiatórias, antes da partida para a outra vida.

No itinerário pelo Além, o anjo guia Túndalo, em primeiro lugar, para as moradas dos danados que sofrem punições eternas, nos seguintes recintos: vale, mar, rio, ponte e o poço. Em seguida, o cavaleiro é conduzido ao espaço do Purgatório, que assim como

no Inferno, também se apresenta fragmentado em vários locais onde as almas purgam os seus pecados veniais (montanha, casa, ponte, lago e vale) (VT, 1895, p. 103-110).

Nesse sentido, como podemos observar, a ponte na *Visão de Túndalo* é um instrumento de julgamento das almas que se encontra tanto no Inferno quanto no Purgatório. Levando em consideração a sua presença nesses dois espaços do Além, é importante destacar que a mesma possui funcionalidades distintas. Enquanto no ambiente infernal funciona como um lugar de castigos eternos que condenam as almas que cometeram os pecados mortais, no Purgatório ela atua como um lugar de provação das almas dotadas de pecados veniais.

É possível constatar essa questão, a partir dos elementos que caracterizam o imaginário da ponte no texto do manuscrito, conforme a tabela 1:

TABELA 1. O IMAGINÁRIO DA PONTE NA VISÃO DE TÚNDALO.

LUGARES	Ponte-Infernal	Ponte-Purgatório
CARACTERÍSTICAS	Estreita, comprimento de mil passos.	Estreita, longa, cheia de pregos afiados.
FUNCIONALIDADES SOBRE AS ALMAS	Cair da ponte em um abismo infernal.	Atravessar a ponte com o objeto de furto.
CATEGORIAS DE PECADORES	Ladrões.	Furtadores

Como podemos perceber na Tabela 1, a ponte infernal é o lugar dos castigos dos ladrões que devido aos seus pecados serem considerados muito graves caem da ponte. Abaixo desta se encontra um rio de onde sai muita fumaça e exala um grande fedor, destino das almas que caíram e que sofrem de grandes tormentos. (VT, 1895, p. 103-104).

Em relação às características da ponte-infernal e da ponte-Purgatório, se observa que a sua dimensão representam a dificuldade para as almas pecadoras atravessá-la. Os caminhos se tornam mais estreitos e longos quando se está carregado de pecados mortais, o que torna os castigos mais cruéis.

Contudo, não menos penoso é para as almas que possuem os pecados veniais, como explica o anjo a Túndalo sobre a categoria de pecadores que passam pela ponte-Purgatório cheia de pregos afiados: as almas “que furtaram muito merecem maiores penas, enquanto as que furtaram pouco não padecem tanto” (VT, 1895, p. 105).

Então, podemos inferir que a ponte no Além se adapta as hierarquias da gravidade das faltas cometidas pelas almas pecadoras, os quais estão associados ao sistema de pecados no cristianismo: Pecados mortais e veniais. “Os primeiros são os que arrastam à danação eterna, os segundos não condenam à morte, mas a uma pena de expiação.” (CASAGRANDE & VECCHIO, 2002, p.346).

De acordo com a tabela 1, se a alma cometeu os pecados mortais inevitavelmente o seu destino é a queda no abismo do Inferno. Como já referenciamos, o cavaleiro testemunhou a queda de várias almas que tentavam atravessar, porém sem sucesso. Já os que possuem somente os pecados veniais passível de ser expiados no mundo dos mortos, consegue atravessar, mas, não escapam das penas que faz parte do cumprimento da expiação dos pecados. Claro, que no discurso ideológico cristão estas não são tão dolorosas e eternas quanto aos castigos que são submetidas às almas que possuem a mácula do pecado mortal.

Na ponte-infernal, Túndalo viu um peregrino trajado de vestes brancas e com uma palma na mão atravessá-la de modo seguro e rápido. Bem, se o peregrino fez a passagem de forma tranquila, isso já o qualifica como uma alma justa. Mas, para, além disso, chama a atenção as descrições de suas vestimentas e a palma na sua mão que tem um sentido simbólico que também o classifica como uma alma justa.

A palma é um símbolo de eleição e conforme escreveu Jean Delumeau: “na arte antiga era o símbolo das vitórias militares, na iconografia cristã ela foi transformada em símbolo do triunfo dos mártires sobre a morte e, depois, da ressurreição dos eleitos” (DELUMEAU, 2003, p. 141). Lembramos também no dia de Ramos, quando Jesus foi acolhido como rei em Jerusalém pela multidão que tinha palmas na mão.

Da mesma forma, as vestes brancas um símbolo de eleição e revela a sorte das almas no Além. Ainda no imaginário cristão os eleitos são com frequência vestidos pelos anjos com suntuosas vestimentas, símbolos de seus corpos gloriosos (SCHMITT, 1999, p.224).

Não por acaso, que o cavaleiro estranhou ao observar um justo passando por uma ponte que *a priori* é o lugar das almas pecadoras. Então, ele perguntou para o anjo o porquê da presença de uma alma justa nesse lugar. Logo o anjo respondeu que o peregrino era um homem de boa alma e de boa vida, portanto, a sua presença nesse lugar era para sentir maior prazer ao ver os pecadores padecendo pelas suas faltas (VT, 1895, p. 104-107).

Ora, nessa passagem a ponte é um elemento moral fundamental: quem levou uma vida virtuosa cristã está seguro da sua passagem rápida para o Paraíso, sem nada a temer; enquanto quem carrega o peso do pecado, os viciosos, a consequência é a queda infernal. Neste sentido que na *Visão de Túndalo* é um instrumento moral que mede a conduta das almas no mundo dos mortos através da travessia ou não por ela.

De certa forma, a ponte atua, conforme a expressão utilizada por Maria Clara Lucas de Almeida (LUCAS, 1986, p. 52), como um elemento bifronte, serve tanto para a condenação quanto a salvação. Assim, ela é caracterizada por dois elementos:

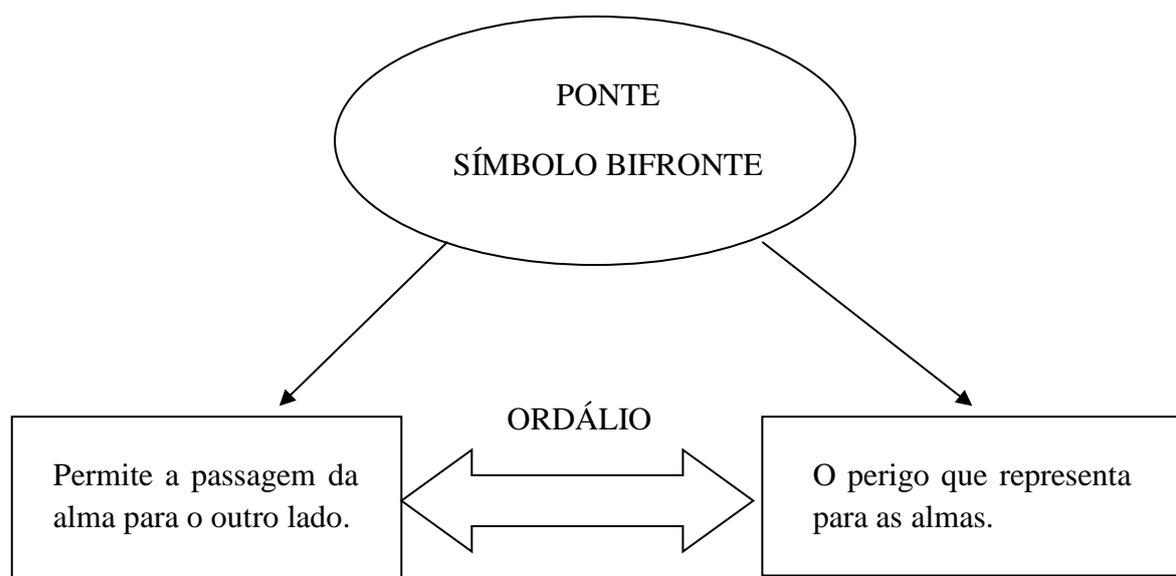
1- o simbolismo da passagem para o outro lado, oferecendo a possibilidade de um acesso imediato à salvação para as almas que são capazes de atravessar ou continuar a sua purificação; 2- O perigo que representa para as almas, caso não mereçam passar pela ponte devido aos seus pecados mortais.

Na *Visão de Túndalo* comentamos que algumas almas conseguem atravessar a ponte mesmo sendo um acesso difícil e perigoso. Provavelmente, temos aqui uma ponte que também tem a função de testar a fé, a coragem e a qualidade moral do viajante. Inclusive, o próprio cavaleiro vai realizar a prova da passagem da ponte em razão do seu pecado. Questão que será discutida nas próximas páginas deste texto.

Para Jacques Le Goff, a ponte não deixa de ser um prova de ordálio, esta passagem longa, muito estreita e escorregadia onde culmina o percurso de risco onde qualquer passo em falso culmina com a queda no Inferno (LE GOFF, 1980, p. 123). O anjo sempre lembra no relato que é quase impossível alguma alma não cair ao tentar atravessar a ponte. É preciso ser muito escolhido por Deus e muito bom para não se precipitar no rio de fogo no Inferno (VT, 1895, p. 104). O que reforça o perigo que a ponte representa no Além.

No esquema 1, está representada a função da ponte como um instrumento moral, como discutimos anteriormente.

ESQUEMA 1. A PONTE COMO UM INSTRUMENTO MORAL NA VISÃO DE TÚNDALO¹.



Ao mencionar o tema da ponte na Visão de Túndalo é indispensável não fazer a correlação com o Livro IV do Diálogo de Gregório, o Grande, onde são descritos os lugares das almas e a ponte que estas devem atravessar: os justos passam sem dificuldade, enquanto os pecadores caem no rio tenebroso e fedorento (BASCHET,

¹ A confecção do esquema 1 está baseado nas considerações sobre a ponte no Além em: Lucas, M.C. de Almeida. **A Literatura visionária na Idade Média Portuguesa**. Biblioteca Breve, nº 105, ICLP, Lisboa, 1986, p. 52; LE GOFF, Jacques. *Le Purgatoire entre l'Enfer et le Paradis*. La Maison – Dieu. Fasc. En face de la mort. **Cahier de Pastorale liturgique**. Editions du Cerf, 1980, p. 123. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k65545334/f5.image.r=Jacques%20Le%20Goff%20Le%20purgatoire>. Acesso em: 20/10/2018.

1995, p. 173; TENA, 2005, p. 37-38). Da mesma forma, em lembrar o imaginário cristão dos demônios e diabos que disputam as almas que atravessam sobre uma ponte.

José Augusto Miranda Mourão explica que a ponte na *Visão de Túndalo* está relacionada ao tema da passagem difícil e se caracteriza como um percurso iniciático onde o morto deve atravessá-la para a sua viagem no Além. Conforme o autor:

A ponte está em relação com o tema da passagem por essa porta que separa e liga horizontalmente o Inferno e o Paraíso. O tema da passagem difícil ou estreita é eminentemente iniciático. Nela se situa o encontro com o destino: Aí se escolhe: O Céu, a Terra, ou o Inferno. [...]. Os mortos devem atravessar esta ponte na sua viagem para o Além (MOURÃO, 1988, p. 91).

É notável que a caracterização da ponte no Inferno com a passagem da Bíblia que fala sobre a porta ou o caminho estreito que leva ao Paraíso. Mais precisamente no evangelho de Mateus (Mat. 7, 13-14): “Entrai pela porta estreita, porque largo e espaçoso é o caminho que conduz à perdição. E muitos são os que entram por ele. Estreita, porém, é a porta e apertado o caminho que conduz à Vida e, poucos são os que encontram”².

Não menos importante, são os diálogos entre Túndalo e o seu guia que, aliás, são essenciais para a identificação das almas que estão condenadas e aquelas que apenas passam por provações. Mas antes de apresentar esses diálogos, tecemos algumas considerações sobre o papel do anjo como guia da alma viajante, no caso o cavaleiro Túndalo, aos lugares do Além.

Cabe ao anjo a tarefa de revelar os mistérios no mundo dos mortos, pois é ele quem dá as informações sobre os espaços do plano espiritual, interpreta e responde todas as indagações de Túndalo. Como bem informa Philippe Faure, “[...] o anjo também tem uma função de direção, de reitor, de enunciador, [...] de amigo e conselheiro espiritual. Portanto esta proteção ativa ocorre em uma função de ensino, de pedagogia sobre o caminho da salvação” (FAURE, 2001, p.25).

É o anjo que direciona Túndalo ao seu percurso pelos lugares do Além, a exemplo da ponte, e lhe dá os conselhos, explica e o adverte para a sua transformação espiritual e conversão. Da mesma maneira, isso se aplica também para a conversão dos outros, ou melhor, para o público receptor do relato.

De certa forma, os constantes diálogos entre os dois personagens enfatizam o caráter didático da narrativa em transmitir os valores cristãos para mobilizar o seu auditório e o próprio Túndalo, pois este precisava se regenerar para alcançar a sua salvação. Citamos então, um trecho do diálogo entre o cavaleiro e o anjo quando eles se encontram no lugar da ponte-Purgatório:

Túndalo: “Senhor, se tu me permites, queria saber de quem são estas penas?”.

Anjo: “Esta ponte e estas penas são daqueles [pecadores] que furtaram pouco ou muito” (VT, 1895, p. 105).

² Cf. Mat 7,14. In: **A Bíblia de Jerusalém: Nova edição, revista e ampliada**. São Paulo: Paulus, 2002.

A partir do trecho do diálogo entre os viajantes percebemos o viés pedagógico da narrativa ao utilizar esse recurso para advertir sobre os maus comportamentos que levam a punição no Além. E esse recurso é utilizado do início ao fim no relato, pois cada lugar que Túndalo e o anjo atravessam há uma explicação moral tanto para as ações que são submetidas às almas quanto ao próprio lugar topográfico representado.

Dessa forma, os diálogos contribuem para a formação espiritual, reflexão sobre os pecados e comportamentos morais. E a ponte, como escreveu Adriana Zierer, é um elemento educativo que serve tanto para o aprendizado da alma viajante que precisa se redimir de seus pecados quanto para outros que conheceram essa narrativa na Idade Média (ZIERER, 2015).

No caso de Túndalo, ele passou pelo aprendizado da provação da ponte-Purgatório, assim como ele pagou sua penitência em outros lugares de purgação (montanha, casa, lago e vale), para a penitência de seus pecados. É bom ressaltar que nas visões religiosas a ponte não tem só uma função probatória, ela é também um instrumento de penitência e de purgação dos mais variados pecados (DEMAULES, 2006, p. 184).

Túndalo passa pela provação da ponte devido ao seu ato de ter roubado no plano terreno uma vaca do seu compadre. Por esse motivo cumpriu essa pena com muita dor levando consigo esse objeto de furto, como descrito pelo relato:

[...] E a alma quando uiu que auia de passar pola ponte disse ao angeo. Esta ponte e estas penas son daqueles que furtaron [...] e tu merecias de entrar em elas [...] Mais conuen que ora passes per ella sem my e passaras contego huma uaca braua. Enton apareceo a uaca brava e muy forte e per nenhuma guisa non queria hir pola ponte, enpero aacima ouue de passar [...] ca a ponte era muy estreyta e non podian hir per ella se non posesen os pees em aqueles clauos. [...] ca lhes sayya o sangue dos pees per fecto dos clauos que se lhe metiam per eles, per tal guisa [...] (VT, 1895, p. 105-106).

É importante destacar que o cavaleiro tentou de todas as formas convencer o anjo que não precisava cumprir essa pena porque havia tomado a vaca de seu compadre, mas logo a devolveu. Então, o anjo o respondeu, dizendo que precisava cumprir essa pena, mas que não padeceria tanto em virtude de haver devolvido o que roubou (VT, 1895, p. 105-106).

A função didática dessa passagem é muito relevante para o ensinamento moral dos cristãos, pois tanto as ações quanto as intenções têm as suas consequências no Além, seja para as ações boas ou más. O anjo sempre reforça que quem cometeu as pequenas ofensas sofre menos, enquanto as grandes ofensas geram maior sofrimento.

Para Jérôme Baschet, a ponte nos relatos de visionários funciona tanto como “um instrumento de julgamento quanto de punição, onde os bons atravessam com sucesso e os pecadores caem em uma água fervente de muito tormento. Passar ou cair: assim termina a sentença” (BASCHET, 1985, p. 190).

Nos séculos XII ao XV, a ponte se constitui em um dos símbolos mais comuns para o imaginário do julgamento das almas. Seja no espaço do Inferno ou do Purgatório, esse elemento imaginário é um símbolo utilizado nos ensinamentos dos pregadores

para com os cristãos para refletir sobre as noções de pecados e de castigos no mundo dos mortos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ponte configura-se na *Visão de Túndalo* como um dos lugares de provas no Além essencial para a pedagogia moral e espiritual cristã do personagem e de seu auditório. É um instrumento simbólico que leva às reflexões sobre os pecados e comportamentos morais auxiliando no processo de conversão cristã.

Mas, também, é um instrumento de julgamento das almas pecadoras. No Inferno condena os danados aos castigos eternos, enquanto no Purgatório exerce a função de purificadora ao penalizar as almas para redimirem dos seus pecados e assim alcançar a salvação.

O tema da ponte no manuscrito pode-se dizer, desenvolve a alegoria do destino dos homens e mulheres no Além. Como elemento de acesso para se alcançar o Paraíso, ela permite a passagem das almas virtuosas e a queda dos viciosos. Só os eleitos conseguem atravessá-la enquanto os danados são precipitados para o Inferno.

Dessa forma, a qualidade das ações cristãs feitas neste plano determina os caminhos das almas no mundo do pós-morte. E a ponte revela que esse caminho se torna mais fácil quanto maior for a qualidade virtuoso praticada aqui embaixo, pois só os muitos escolhidos e bons conseguem atravessá-la. Lembremos-nos da boa alma do peregrino que atravessou a ponte de forma rápida e seguro de que alcançaria a sua salvação.

Neste sentido, que a ponte auxilia no processo de conversão cristão, tornando-se desse modo uma ferramenta exemplar para as reflexões sobre as condutas morais práticas neste plano e suas consequências no Além.

REFERÊNCIAS

FONTES

Visão de Túndalo (VT). Ed. de F.H. Esteves Pereira. **Revista Lusitana**, 3, 1895, p. 97-120. (código 244).

A Bíblia de Jerusalém: Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

WAGNER, Albrecht. **Visio Tnugdali**. Lateinsch und Altdeutsch. Erlangen. Verlag Von Andreas Deichert, 1882.

ESTUDOS

- BASCHEZ, Jérôme. Jugement l'âme, jugement dernier: contradiction et complémentarité, chevauchement? **REVUE MALLIBON**, n.s. VI, 1995, p. 159-203. Disponível em: <https://www.brepolonline.net/doi/pdf/10.1484/J.RM.2.305532>. Acesso em: 24/11/2018;
- CAROZZI, Claude. **Le Voyage de l'âme dans l'au-delà d'après la littérature latine (Ve-XIIIe siècle)**. Rome: École Française de Rome, 1994. 720 p. (*Publications de l'École française de Rome*, 189). Disponível em: www.persee.fr/doc/efr_0000-0000_1994_ths_189_1. Acesso em: 10/01/2016.
- CASAGRANDE & VECCHIO. Pecado. LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude (coord.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: EDUSC/Imprensa Oficial do Estado, vol II, 2002, p. 337 - 351 .
- CULIANU, Ioan P. Pons subtilis storia e significato di un símbolo. **Aevum**, Anno 53, Fasc. 2 (maggio-agosto 1979), pp. 301-312. Published by: Vita e Pensiero – Pubblicazioni dell'Università Cattolica del Sacro Cuore. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/25821923>. Acesso em: 22/09/2018.
- DEMAULES, Mireille. Du symbolisme du pont dans quelques rêves et visionn. In: **Le ponts au moyen-âge**. RAOUL, Danièle James; THOMASSET, Claude (dir.). Paris: PUPS, 2006.
- FAURE, Philippe. « Les anges gardiens (XIIIe-XVe siècles) modes e finalités de une protection rapprochée », **Cahiers de recherches médiévales** [En ligne], 8 | 2001, mis en ligne le 13 mars 2008, p. 23-41. Disponível em: <http://crm.revues.org/380>. Acesso em; 24/11/2018.
- KAPPLER, Claude. **Monstros, Demônios e encantamentos no fim da Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- LE GOFF, Jacques. *Le Purgatoire entre l'Enfer e le Paradis*. La Maison – Dieu. Fasc. En face de la mort. **Cahier de Pastorale liturgique**. Editions du Cerf, 1980, p. 123. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k65545334/f5.image.r=Jacques%20Le%20Goff%20Le%20purgatoire>. Acesso em: 20/10/2018.
- LE GOFF, Jacques. **O nascimento do Purgatório**. Lisboa: Estampa, 1993.
- LUCAS, M.C. de Almeida. **A Literatura visionária na Idade Média Portuguesa**. , Lisboa: Biblioteca Breve, nº 105, ICLP, 1986.
- PATCH, Howard Rollin. **El outro mundo en la literatura medieval**. México: Fondo de Cultura Económica, 1983.
- SCHMITT, Jean-Claude. **Os vivos e os mortos na sociedade medieval**. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia da Letras, 1999.
- TENA, Maria Eugenea Díaz. El *Outro Mundo* em uno milagro mariano del siglo XV. IN: Revista de Estudos Ibéricos n. 2, 2005, p. 25-43. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2028519>.

ZIERER, Adriana Maria de Souza. A ponte como obstáculo educativo na *Visio Tnugdali*. **Notandum**, São Paulo, Porto, ano XVIII, nº 37, jan/abr., 2015, p. 5-29.
Disponível em:
<http://www.hottopos.com/notand37/1%20Adriana%20Maria%20de%20Souza%20Zierer.pdf>. Acesso em: 24/11/2018.